

# Um estudo comparativo entre a Fundição de Typos Henrique Rosa e a Funtimod

*A comparative study between Henrique Rosa Type Foundry and Funtimod*

Isabella Ribeiro Aragão & Edna Lucia Cunha Lima

---

tipografia, fundição de tipos, tipos móveis de metal, caracteres tipográficos

A partir do começo do século 19, o Brasil abrigou fundições tipográficas habilitadas a manufaturar ou comercializar todo tipo de material utilizado nas oficinas tipográficas, entre elas encontra-se a Fundição de Typos Henrique Rosa, do Rio de Janeiro, e Funtimod – Fundição de Tipos Modernos, de São Paulo. Recentemente, as duas autoras deste artigo desenvolveram pesquisas com foco na firma carioca. Enquanto Edna Lucia Cunha Lima estava interessada na narrativa da família Rosa, Isabella Ribeiro Aragão intencionava responder questões comerciais levantadas durante sua pesquisa doutoral sobre a Funtimod. Este artigo, portanto, visa contribuir com a história da tipografia no Brasil por meio da relação dos resultados dos estudos realizados, respectivamente, no Rio de Janeiro e Recife.

*typography, type foundry, lead types, typographic characters*

*Since the beginning of the 19th century, Brazil has housed type foundries qualified to manufacture or commercialize all types of material used at printing workshops, among them the Fundição de Typos Henrique Rosa, from Rio de Janeiro, and Funtimod – Fundição de Tipos Modernos, from São Paulo. Recently, the two authors of this paper have developed researches with interest in the carioca firm. While Edna Lucia Cunha Lima was interested in the story of the Rosa family, Isabella Ribeiro Aragão intended to answer commercial questions raised during her doctoral research on Funtimod. This paper, therefore, aims to contribute to the history of typography in Brazil by the results of the studies carried out, respectively, in Rio de Janeiro and Recife.*

---

## 1 Introdução

A fundição de tipos era considerada uma área primária das artes gráficas até a metade do século 20 por manufaturar o material tipográfico utilizado por grande parte dos outros estabelecimentos

do setor, tipografias, jornais, etc. O Brasil abrigou várias empresas especializadas em produzir tipos móveis de metal, entre elas a Fundação de Typos Henrique Rosa, que atuou entre o final do século 19 e início do 20 no Rio de Janeiro, e a Funtimod – Fundação de Tipos Modernos, que operou entre 1932 e 1997 em São Paulo.

O interesse no ofício de manufatura de tipos dos séculos 19 e 20 impulsionou duas pesquisadoras a desenvolverem estudos distintos sobre a Fundação de Typos Henrique Rosa: Edna Lucia Cunha Lima, estudiosa da área tipográfica oitocentista, no Rio de Janeiro, almejava desvendar a vida e a trajetória de Henrique Rosa; e Isabella Ribeiro Aragão, com tese sobre a fundição moderna, em Recife, intencionava comprovar a transação comercial entre as empresas supracitadas.

Aragão (2016) apresenta uma carta, de 6 de outubro de 1978, de Karl Klingspor<sup>1</sup>, um dos sócios fundadores da Funtimod, em resposta a um funcionário da D. Stempel que indagava sobre fundições brasileiras, afirmando que outras duas firmas – a fundição carioca Rosa e a paulista Ardinghi – foram adquiridas como base para formação de sua empresa. Ao se aprofundar no assunto, a pesquisadora (ibid.) presumiu que Karl estava se referindo a Fundação de Typos Henrique Rosa e a paulistana Fundação Ardinghi & Filho.

Uma das formas de comprovar a transação comercial entre as fundições é encontrar registros documentais. Como pouco se sabia, em 2016, sobre as duas fundições mencionadas por Karl na carta, tipos idênticos aos da Funtimod em seus catálogos poderiam ser encarados como indícios suficientes para tal. Entretanto, apenas o catálogo de Henrique Rosa encontra-se entre os poucos salvaguardados na Biblioteca Nacional.

Neste contexto, o estudo realizado em Recife teve como objetivo principal comparar as fontes impressas nos catálogos de tipos da fundição carioca e da Funtimod; e também contribuir com informações sobre a história da Fundação de Typos Henrique Rosa. A coleta de dados foi realizada no próprio espécime da empresa carioca, principalmente a amostra textual dos tipos, em conjunto com os periódicos da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, em especial o *Almanak Laemmert*, uma das mais importantes fontes documentais do período.

Seguimos os pressupostos utilizados por Gray (1951), que estabeleceu o ano de publicação de alguns catálogos do século 19 com datas impressas nas amostras dos tipos, para estimar a data de publicação do espécime de Henrique Rosa na década 1900<sup>2</sup> e considerá-lo como fonte de evidência documental.

No Rio de Janeiro, a pesquisa histórica pôde ser realizada para além dos periódicos do site Hemeroteca Digital brasileira. A fim de delinear a vida dos titulares da empresa de Henrique Rosa, a pesquisadora visitou o Arquivo Nacional para estudar os documentos da Junta Comercial da Corte, complementou com dados reunidos pela família Rosa<sup>3</sup> e revisou artigos publicados sobre as fundições cariocas.

1 Para visualizar a carta, vide o anexo A (páginas 245 e 246) da tese de Aragão (2016) disponibilizada em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16134/tde-01092016-154117/publico/isabellaaragaorev.pdf>

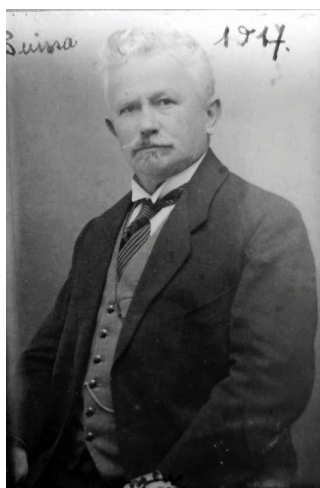
2 Entre as várias evidências, a publicação apresenta algumas datas entre 1900 e 1908, além de um exemplo de recibo datado em 190\_. Como a encadernação foi pensada para que as fontes fossem sendo impressas em folhas soltas e incorporadas ao volume à medida que eram lançadas, é possível supor que o catálogo tenha começado a ser impresso nos primeiros anos da década.

3 Nancy Rosa, bisneta do primeiro dos Henriques Rosa, franqueou documentos e fotos familiares para esta pesquisa.

Com o cruzamento dos dados pudemos preencher lacunas, validar os nomes e datas encontradas no espécime e, em especial, chegar a conclusões conjuntamente. Este artigo, portanto, foi escrito no intuito de contribuir com a história da tipografia no Brasil por meio da relação dos resultados das duas pesquisas descritas nos parágrafos anteriores.

## 2 Breve percurso da família Rosa

Embora o sobrenome Rosa pareça ser de origem portuguesa, Henrique Rosa era alemão (figura 1), nascido Johann Heinrich Roser, em 6 de fevereiro de 1851, na cidade de Ansbach. Ao abraçar o nome para João Henrique, a família acredita sem provas que fez o mesmo com o sobrenome. Nas certidões de óbito, aparece o nome do pai, também aportuguesado, para João Henrique Rosa e a mãe Louise Mathilde Rosa, nascida Furst.



**Figura 1** João Henrique Rosa (usado com a permissão de Nancy Rosa).

Sua nacionalidade vem confirmar a influência germânica no setor gráfico no Rio de Janeiro, que, no século 19, se deu, por exemplo, através dos irmãos Laemmert e suas empresas. Permanece a incerteza sobre quando e em que condições imigrou para o Brasil, e até mesmo em que porto chegou e de que porto saiu. Aparentemente veio sem a família para o país, já que seus descendentes desconhecem suas ascendências.

O João Henrique Rosa abraçado assinava simplesmente Henrique Rosa<sup>4</sup>. É com este nome que anuncia em 1880 uma firma de fundição de tipos com J.L. Schroeder no *Almanak Laemmert* daquele ano (*Almanak*, 1880). Na verdade, sabendo-se que o *Almanak* publica as notícias do ano findo, a empresa teve início em 1879, quando Henrique tinha 28 anos, na Rua do Hospício, 227.

Com a saída de J.L. Schroeder, Henrique se tornou parceiro da dupla Manoel Sabino Corção e J.L. Araújo entre os anos de

**4** O patriarca da família foi apelidado por sua bisneta de Henricão para facilitar o reconhecimento diante de tantas gerações de Henriques Rosa.

1880 e 1889. O verdadeiro nome de Araújo só foi passível de ser identificado nos contratos da Junta Comercial do Rio de Janeiro, sob a guarda do Arquivo Nacional. Por trás das sóbrias iniciais estava Júlia Augusta d'Araújo dos Santos, descendente de fundidores que provavelmente decidiu não revelar seu próprio nome num meio dominado por homens.

Haviam, ela e Sabino, dado início à empresa no mesmo ano em que Schroeder, tendo no ano seguinte Henrique Rosa se unido a eles. A empresa de pequeno porte tinha, de início, o capital de \$12:000,000, a ser integralizado. Na leitura do contrato de 16 de outubro de 1880, a sócia comanditária era Júlia, sendo Corção o sócio solidário e a Henrique Rosa cabia o papel de sócio de indústria, na posição de mestre da oficina. Enquanto os dois primeiros dividiam entre si os lucros da empresa, Rosa permanecia com um quinto desta quantia.

Em 1889, Henrique Rosa pediu e recebeu autorização da Junta Comercial para registrar sua própria empresa que já funcionava na Rua 24 de maio, 58, no bairro carioca do Riachuelo, desde janeiro deste ano. Ali teve uma posição de destaque apoiando a filarmônica e o carnaval local. No entanto, apenas em 1904 começou a aparecer na lista de fundidores de tipos do *Almanak Laemmert*, que, como sempre, era sinal de sucesso nas empresas anunciantes, com endereço na Rua da Alfândega, 171 (Almanak, 1904).

No momento de criação de sua fundição, Henrique Rosa já estava casado com D. Dorothea Marghereta, nascida Mees, há 11 anos (Correios, 1898). O casal teve vários filhos, porém apenas dois se envolveram na firma paterna: Henrique Léon Rosa, o segundo Henrique Rosa (figura 2), nascido em 1879; e Frederico César Rosa, nascido em 1881.



**Figura 2** Nesta foto da família Rosa, datada provavelmente do início do século 20, Henrique Rosa encontra-se à esquerda e Henrique Léon Rosa à direita (usado com a permissão de Nancy Rosa).

Na medida em que os filhos foram crescendo, Henrique Rosa começou a apoiá-los. Em 1900, o primogênito fez uma viagem à Europa, chegando no vapor Cordillière em Bordeaux rumo a Paris, onde visitou a Exposição Universal de 1900. No ano seguinte, partiu para Frankfurt onde permaneceu até 1904. Investigando papéis familiares, encontramos uma solicitação de licença para hospedar Henrique Rosa datada de 1903. Como o documento informa que o requerente nasceu no Rio de Janeiro em 28 de setembro de 1879, trata-se, portanto, de Henrique Léon Rosa, que tinha então 25 anos. O curioso pedido foi feito por Herr Bauer, que morava na Nauheimer Strasse, 24, em Frankfurt.

Apesar da bisneta acreditar que o pedido tenha sido feito por Theodor Bauer, um músico como o rapaz que hospedava, ficamos tentadas a imaginar alguma relação entre o sobrenome do hospedeiro e a importante fundição Bauer, visto que Frankfurt é a sede da empresa. Uma outra hipótese é que esse Bauer fosse mesmo o músico, mas também parente dos Bauer da fundição e que Léon tenha feito um estágio por lá.

Em 1908, a fundição deve ter se mudado para Rua da Alfândega, 179-181 (Almanak, 1909). No ano seguinte a empresa publicou no jornal *A Imprensa* (Diversos, 1909) uma nota declarando dois de seus filhos, Henrique Léon Rosa e Frederico César Rosa, sócios da fundição de tipos agora com sede na rua do Lavradio, 67, antigo depósito da empresa. A partir daquele ano a firma se tornou H. Rosa & Filhos.

Ao mesmo tempo em que Henrique Léon foi assumindo aos poucos a direção da fundição, também começou a assinar com o mesmo nome do pai, conforme podemos perceber nos cartões dos tabelião Evaristo com a assinatura de Henrique Rosa e de Henrique Léon Rosa, permitindo, supostamente, que assinassem pela empresa Henrique Rosa & Filhos (figura 3), no final da década de 1900. Continuar assinando o nome Henrique Rosa, conhecido no meio, deve ter sido uma estratégia pensada para a continuação da prosperidade dos negócios. Sendo ele o segundo fundidor de tipos a ter o nome de Henrique Rosa, configura-se, então, uma pequena dinastia brasileira neste ramo, como tantas que ocorreram ao longo da história da tipografia.



**Figura 3** Cartões de assinatura do Tabelião Evaristo. As idades, o pai estava com 58 anos enquanto o filho tinha 30 anos, explicam a letra trêmula do homem mais velho (usado com a permissão de Edna L. C. Lima).



Em maio de 1914, Henricão viajou para a Europa com a mulher e a filha Hedwige, se estendendo até 1918 por causa da Primeira Guerra Mundial. Além de passar uma temporada na Suíça, na casa da cunhada Odile Furst, em Basel; postais que remeteu aos parentes mostram que foi a Berlim, Nuremberg e Hamburgo. Na sua ausência, os filhos ficaram na direção da firma.

O catálogo de Henrique Rosa indicaria posição entre os líderes do setor nos primeiros anos do século 20? Acreditamos que sim. A qualidade dos tipos e de sua impressão sugerem uma atenção ao espécime tipográfico que, no mínimo, fala de uma expectativa de vendas altas. O material que era vendido pela empresa apresentava fontes de duas cores e uma plêiade de florões e demais ornamentos que indicam uma clientela sofisticada.

A publicação da firma se distancia do conjunto de catálogos do século 19 observados pelas pesquisadoras Aragão, Farias e Lima (2014) no que se refere aos produtos anunciados. Afora as fontes tipográficas, comuns a toda empresa do setor, a fundição da família Rosa comercializava os mais variados fios, ornamentos, emblemas e clichês, além de todo tipo de maquinário, utensílios e insumos necessários para montar uma tipografia. A quantidade e variedade de produtos se assemelha àquelas encontradas nas fundições surgidas no século 20 no Brasil.

Um anúncio de H. Rosa & Filhos no *Pharol* (MG), em 1911, informa que ‘o mais importante estabelecimento deste gênero’, com sucursal na Rua Teophilo Ottoni, do Rio, e representante (Feliciano da Silveira Bulcão) na Rua Halfeld, 131, em Juiz de Fora (H. Rosa, 1911). A firma igualmente anunciou e, provavelmente, comercializou seus tipos para o maior jornal de Santa Catarina, *O Estado*, no começo da década de 1920 (H. Rosa, 1924); pois observamos algumas fontes semelhantes às do catálogo nas páginas do periódico. Aliás, o título dos dois jornais figuram entre os vários estabelecimentos encontrados nas amostras textuais do volume analisado (Fundição, [190-?]).

Neste último anúncio, a empresa divulga seus serviços de fundição de tipos, estereotipia, galvanotipia, depósito de máquinas e materiais para tipografia, venda de papéis, e uma ‘fábrica de cartões de visita, commerciaes e memoranduns’ (H. Rosa, 1924), que entendemos como serviços comerciais de uma papelaria da época.

Em 1928, faleceu Frederico César Rosa e dois anos mais tarde, João Henrique Rosa, o Henricão, seguido ainda nesse ano por Henrique Léon Rosa. Com hiato de alguns anos de divulgação, a última aparição no *Almanak Laemmert* aconteceu em 1931, com endereço na Rua Relação, 31 (Almanak, 1931).

A liquidação da firma ‘Rosa & Filhos’, com espólio de Henrique Rosa, começou a ser anunciada no *Jornal do Commercio* (figura 4), do Rio de Janeiro, em 11 de outubro de 1931, em dois leilões separados, realizados por Horácio Ernani de Mello: máquinas para fabrico de tipos, que consiste nos equipamentos da fundição localizados nos fundos da Rua 24 de maio, 120; e máquinas, materiais, móveis

e utensílios, que englobam os equipamentos de uma papelaria localizados na Rua da Relação, 31 (Machinas, 1931a, 1931b).



Figura 4 Anúncios dos leilões do espólio de Henrique Rosa publicadas no dia 25.10.1931 do Jornal do Commercio (usado com a permissão de Arquivo JCom/D.A Press).

Em 23 de março de 1932, no dia de venda do leilão, o anúncio descreve o catálogo da firma com 6 máquinas de fundir tipos, 44.450 matrizes de zinco e 5.672 matrizes de cobre, vários quilos de tipos fundidos, entre outros equipamentos e materiais da fábrica (Machinas, 1932). Após essa data Ernani continuou anunciando a papelaria e pouco do que restou da fundição, principalmente, 3.765 quilos de tipos e 1.129 quilos de guarnições de chumbo (material em branco), até 11 de junho de 1932. As últimas peças remanescentes parecem ter sido comercializadas em julho do mesmo ano.

## 2.1 Sobre a produção dos tipos e clichês

A veracidade das datas e nomes impressos nas amostras textuais do catálogo da Fundição de Typos Henrique Rosa nos levou a analisar da mesma maneira as informações relacionadas à produção dos tipos e clichês.

A aparelhagem de galvanotipia e estereotipia, diversas vezes divulgadas na publicação estudada, estava à serviço dos clientes para executar qualquer tipo de trabalho sob encomenda, mais especificamente, ‘clichês de réclames para anuncios nos jornaes e revistas, avulsos, cabeças para toda sorte de publicações, etc.’ (Fundição, [190-?], p.273). Várias páginas das inúmeras coleções de clichês anunciadas ao final da publicação indicam que algumas peças eram produzidas em cobre por meio da galvanotipia.

No que concerne aos tipos, eles eram fundidos ‘em alturas franceza e americana, sendo o metal empregado, igual ao das melhores Fundições de Typos Norte Americanos tendo por isso a mesma durabilidade’ (Fundição, [190-?], p.7). Essa flexibilidade na manufatura dos tipos metálicos era importante no contexto de um país onde circulavam as duas medidas tipográficas.

Embora se tratasse de uma firma que manufaturasse tipos móveis, um anúncio direcionado aos tipógrafos informava que eles podiam encontrar ‘sempre prompto nesta casa uma grande stock de typos de phantasia e comuns, fundidos na casa, ou importados das mais acreditadas casas de fundição da França e Allemanha, fios em laminas e systematicos, entrelinhas, etc.’ (Fundição, [190-?], p.202). Os tipos de phantasia e comuns a que se referia os Rosa dizem respeito, respectivamente, ao que hoje consideramos como tipos display e tipos de texto. Essa nomenclatura foi importada da Europa junto com os pioneiros da área e incorporadas nos catálogos das empresas nacionais.

Para uma fundição que estava equipada para produzir os tipos, importar material similar para comercializar no Brasil podia significar tanto a impossibilidade de atender a demanda local como a vontade de ofertar as novidades vindas d’além mar. Em relação às fundições estrangeiras, a alemã Schelter & Giesecke é a única citada ao longo da amostra textual do catálogo, reaparecendo em algumas indicações como fabricante de máquinas.

Entre os vários nomes próprios impressos no catálogo, encontramos menção a dois funcionários relacionados com a produção dos tipos: ‘Luiz Palmucci, typographo -- Joaquim Pereira, fundidor da casa Henrique Rosa – 1904’ (Fundição, [190-?], p.91). Como o nome do fundidor aparece mais duas vezes, como Joaquim Luiz Pereira, na páginas 13 e 42, é possível supor que trabalhou por alguns anos exercendo de forma solitária seu ofício na empresa. Provavelmente, deixou a firma da família Rosa para abrir seu próprio negócio visto que o *Almanak Laemmert* divulga a fundição de Joaquim Luiz Pereira em 1922 (Almanak, 1922).

A falta de alusão a um gravador de tipos e a produção de desenhos originais, no meio de tantos textos relacionados com a empresa, nos levam a corroborar com os resultados dos estudos sobre as fundições oitocentistas realizados anteriormente por Lima (2006) e acreditar que a coleção de fontes para impressão e douração anunciadas no catálogo fossem provenientes de matrizes estrangeiras.

### 3 Breve resumo da Fundição de Tipos Modernos

A Funtimod, que pode ser considerada a maior fundição de tipos brasileira do século 20, foi fundada na cidade de São Paulo, em 16 de abril de 1932, dias após a liquidação da firma da família Rosa, por uma colaboração entre os alemães Karl H. Klingspor e Josef Tscherkassky, a empresa alemã-brasileira Sociedade Técnica Bremensis e a fundição suíça Haas, que estava representando a fundição alemã D. Stempel. Com filiais em Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre, Recife e Rio de Janeiro, a Funtimod serviu a indústria gráfica nos quatro cantos do país, comercializando máquinas e todo tipo de material tipográfico até 1997.



A Funtimod – com grafia Funtymod – começou suas atividades de fundição de tipos na Rua Ribeiro de Lima, 282, no bairro do Bom Retiro da cidade de São Paulo, no imóvel que abrigaria a fábrica até 1983, quando as instalações fabris foram transferidas para a Rua Solon, 251. Possivelmente, ela foi a primeira empresa do setor no Brasil a abrigar em 2.090 m<sup>2</sup> cerca de 40 equipamentos de fundição, além da seção de fios de latão e marcenaria, conforme lista apresentada em Aragão (2016, p.121).

É bem provável que os conhecimentos na área gráfica de Karl H. Klingspor, que carrega o sobrenome de umas das fundições mais importantes da Alemanha, tenham sido fundamentais para a abertura e sucesso da Funtimod em seus primeiros anos. Antes de ser convidado para fundar a Funtimod em São Paulo, Karl passou uma temporada no Rio de Janeiro, no ano de 1928, montando o ‘departamento de propaganda em uma das mais conhecidas casas de importação alemãs’ (Klingspor, [198?]). Nesse período, fez um anúncio no *Jornal do Commercio* à procura de hospedagem em residência familiar brasileira para que pudesse aprender a língua local (Cavalheiro, 1928). Na Funtimod, Karl H. Klingspor foi sócio e dirigiu a empresa até 1945.

Com sua saída, entre outros motivos, a empresa iniciou a atuação na fabricação e representação de máquinas para indústria gráfica, entre elas a Heidelberg, transformando-se em Funtimod S.A. – Máquinas e Materiais Gráficos, no ano de 1958.

Entre os funcionários que trabalharam na Funtimod, a pesquisadora (Aragão, 2016) localizou, pelo menos, dois gravadores de letras: Antonio Baki, por intermédio de uma matéria na revista *Brasil Gráfico* (Antônio, 1950); e João Mosz, que concedeu depoimento à investigação mencionada.

Embora as diferentes fontes de evidência tenham revelado que os dois gravadores de letras sabiam cortar punção manualmente, muito pouco pôde ser descoberto sobre o iugoslavo Antonio Baki. No que diz respeito ao alemão João Mosz, que trabalhou na Funtimod por mais de cinquenta anos, ele informou que o principal meio de produção das matrizes dos tipos era a galvanotípia, um processo eletroquímico em que uma camada de cobre ou níquel é depositada num molde, que pode ser uma punção ou um tipo previamente fundido.

A Funtimod estava aparelhada, nos moldes das fundições europeias, para manufaturar um tipo desde o desenho até a fundição, porém o design das faces não foi uma etapa valorizada. Consoante Aragão (2016), grande parte dos tipos encontrados em nove catálogos da empresa, com repertórios tipográficos diferentes, foi identificada como sendo de origem alemã, principalmente das firmas D. Stempel e Klingspor.

A coleção de tipos Funtimod, por outro lado, é formada por faces representativas do começo do século 20, como Futura, Kabel, Memphis e Mondial, assim como revivals da Bodoni e Garamond. Análises comparativas dos tipos móveis de metal da Funtimod

revelaram práticas singulares realizadas na fábrica de tipos brasileira. No meio de designs internacionalmente conhecidos, por exemplo, alguns caracteres, em especial os conjugados com os diacríticos til e cedilha, apresentam variações de forma, posicionamento, peso e tamanho na mesma face.

#### 4 A comparação dos acervos tipográficos

O catálogo de Henrique Rosa (Fundição, [190-?]) apresenta um grande quantitativo de fontes sem organização sistemática, isto é, fontes identificadas por número ao invés do nome e páginas com desenhos tipográficos diferentes. Em contrapartida, os catálogos da Funtimod exibem cada face tipográfica separadamente em páginas intituladas por nomes e organizadas em ordem crescente dos corpos das fontes, o que era menos habitual no século 19 e início do século 20. Por conta disso, a comparação formal foi realizada entre os desenhos tipográficos do mesmo tamanho que se mostravam similares.

A primeira atividade na etapa de comparação dos acervos tipográficos das duas fundições reduziu o acervo de Henrique Rosa, por meio de observação do espécime digitalizado, numa listagem quantitativa em um documento do programa Excel ao mesmo tempo em que destacava os tipos aparentemente semelhantes aos da Funtimod.

Entre as 951 fontes quantificadas do catálogo, apenas 57 eram compatíveis em aparência a 7 faces tipográficas manufaturadas pela Funtimod, conforme explicitado na tabela abaixo. Embora quantitativamente existam poucas semelhanças, uma avaliação qualitativa revelou que boa parte das fontes de Henrique Rosa aparentemente congêneres às da Funtimod já tinham causado dificuldade no processo de rastreamento do desenho original realizado pela pesquisadora recifense. Vale salientar que entre as 103 faces presentes no acervo da Funtimod pesquisado, ‘oitenta e oito foram consideradas identificadas, seis parcialmente identificadas e apenas nove não identificadas’ (Aragão, 2016, p.132) em espécimes de fundições internacionais.

Número das fontes de H. Rosa	Páginas (Rosa, [190-?])	Faces da Funtimod
88; 420–421; 590-595; 1013/1103u; 1014/1029u; 1015/1104u	12, 68, 94 e 100ddd	Grotesca Normal Clara
114–121; 358; 821–831; 834–835	16, 17, 62, 100gg, 100hh e 100ii	Artístico Inglês Estreito
126; 127	19	Manuscrito
637	100b	Escritura a Máquina 510
642–644	100d	tipo grego (normal)
676–690	100j e 100k	Grotesca Normal Meia Preta
757–759	100t	Visite

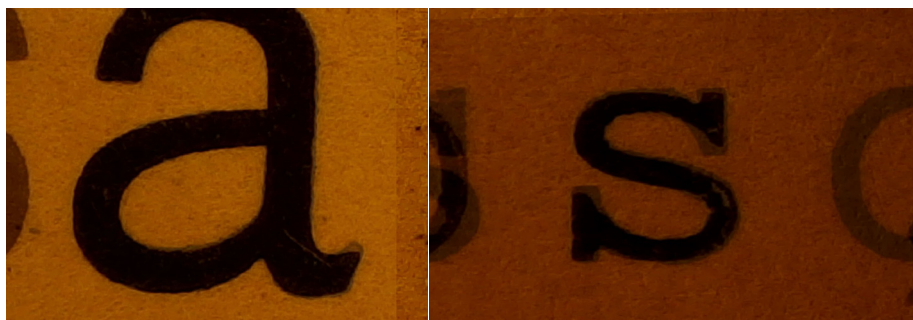
**Tabela 1** Resultado das semelhanças aparentes entre os acervos das duas fundições estudadas

Relacionando as faces da Funtimod listadas no resultado dessa primeira atividade com o resultado da identificação da pesquisa de Aragão (2016), encontramos Artístico Inglês Estreito e Visite identificadas nos catálogos da fundição alemã D. Stempel, Manuscrito e tipo grego (normal) registradas como não identificadas em espécimes de outras fundições, e as três faces restantes avaliadas como parcialmente identificadas: Grottesca Normal Clara, Grottesca Normal Meia Preta e Escritura a Máquina 510. Segundo a pesquisadora (ibid., p.236), ‘as Grottescas têm alguma relação com a Breite Grottesk, da J.G. Schelter & Giesecke, mesmo com partes anatômicas ligeiramente distintas, como os terminais da orelha do *g*’; e a Escritura a Máquina 510 já tinha a suspeita de similaridade com o tipo de Henrique Rosa.

Alcançar igualdade de desenhos no Photoshop por meio da sobreposição das formas de caracteres do mesmo corpo – digitalizados dos catálogos via escaneamento ou ampliação com microscópio<sup>5</sup> –, indicaria tanto uma resposta às incertezas da pesquisa anterior (Aragão, 2016) quanto evidências para a relação entre a Funtimod e Henrique Rosa.

5 Em visita à Biblioteca Nacional, Isabella coletou as imagens dos catálogos de Henrique Rosa e Funtimod (acervo particular) utilizando o microscópio Handheld Digital Microscope Pro, da marca Celestron, com a mesma configuração de ampliação. Para saber detalhes do processo de identificação, ver artigo da Estudos em Design (Aragão & Farias, 2017).

Se por um lado as sobreposições descartaram semelhanças entre as fontes do catálogo carioca e as Artístico Inglês Estreito, Manuscrito, tipo grego (normal) e Visite, da Funtimod; por outro lado os achados em relação às Grottescas e Escritura a Máquina 510 expõem desenhos muito parecidos. No entanto, poucos caracteres ainda apresentam detalhes anatômicos diferentes entre Funtimod e Henrique Rosa, por exemplo, o terminal da letra *a* da Grottesca Normal Clara e fonte de número 593, e as serifas da letra *s* da Escritura a Máquina 510 e fonte de número 637 (figura 5). Ademais, esta última tem caracteres com hastes ligeiramente mais grossas do que a sua equivalente da Funtimod.



**Figura 5** Sobreposição da Grottesca Normal Clara (em transparência) e fonte de número 593, à esquerda; e Escritura a Máquina 510 (transparência) e fonte de número 637, à direita (usado com a permissão de Isabella R. Aragão).

Essas pequenas diferenças anatômicas encontradas não necessariamente representam desenhos com origens distintas, há a possibilidade de serem matrizes diferentes para a mesma face tipográfica. Não podemos afirmar, contudo, que os tipos das duas empresas foram fundidos com as mesmas matrizes.

## 5 Considerações finais

Com o encerramento da Fundação H. Rosa & Filhos no começo da década de 1930 – anunciado nos leilões mencionados acima –, coincidindo com o início das atividades da Funtimod, em 1932; chegamos a conclusão que temos indícios suficientes para acreditar na transação comercial entre as duas fundições.

O resultado da comparação tipográfica indicou que a Fundação de Typos Henrique Rosa e Funtimod tem coleções com características distintas que refletem o início de atuação das duas empresas. Enquanto a primeira tem uma variedade de tipos ornamentados criados no século 19, a fundição moderna tem uma coleção mais coerente com as novidades das três primeiras décadas do século 20, com predominância de tipos sem serifa.

A possível desatualização da coleção tipográfica da empresa carioca para a demanda das décadas posteriores a 1930, um dos principais fatores do encerramento das fundições de tipos, pode indicar que a Fundação de Tipos Modernos estivesse muito mais interessada em suas 6 máquinas de fabricação do que nas milhares de matrizes de tipos, conforme hipótese levantada por Aragão (2016). Como a fundição carioca tinha um patriarca com conhecimento no ofício, é muito plausível que operasse com equipamentos de boa qualidade no Brasil.

Vale ressaltar que a nacionalidade germânica dos fundadores e as relações com empresas da Alemanha, como a Schelter & Giesecke e Krause, por parte de Henrique Rosa e Funtimod, podem ter sido facilitadores para que Karl Klingspor tenha conhecido os Rosas em sua estadia no Rio de Janeiro.

Em relação à Henrique Rosa, os dados apresentados indicam uma pequena dinastia em terras nacionais, ratificam ainda mais a influência alemã no setor tipográfico desde os anos oitocentistas; além de uma importância a nível nacional na virada dos séculos. A partir da década de 1930 a Funtimod assumiu a liderança no setor.

Este artigo colabora com a história da tipografia no Brasil ao fazer uma conexão entre duas das maiores firmas do país – Fundação de Typos Henrique Rosa e Funtimod – e, por consequência, entre os séculos 19 e 20, Rio de Janeiro e São Paulo. Ademais, tem sua importância no cruzamento dos achados de duas pesquisas distintas, possibilitando resultados mais consistentes. Investigações mais aprofundadas com os dados relacionados ao espólio de Henricão, por exemplo, podem revelar o perfil de empresas do setor do século 19. De todo modo, a grande diferença de maquinário para manufaturar os tipos – 6 de Henrique Rosa e 40 da Funtimod – é mais um indicativo de que a produção em escala industrial ocorreu apenas no século 20.

As contribuições das pesquisas não se restringem à área tipográfica. Como os tipos fundidos pelas duas fundições foram utilizados para imprimir jornais, revistas, livros, efêmeros, entre outros; o conhecimento da trajetória e material tipográfico também

pode colaborar para investigações históricas na área do design da informação que se interessem pela forma dos caracteres impressos.

## **6 Agradecimentos**

Agradecemos o apoio da FAPESP e do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil, à pesquisa prévia de Isabella R. Aragão; e a Nancy Brito-Rosa o acesso aos arquivos da família de Henrique Rosa.



## Referências

- Almanak administrativo, mercantil, e industrial do Rio de Janeiro. (1844-1934). Rio de Janeiro, RJ: Typ. Universal de Laemmert, Disponível em: Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/almanak-administrativo-mercantil-industrial-rio-janeiro/313394>.
- Antônio Baki – gravador de letras. (1950). *Brasil Gráfico: revista brasileira de artes gráficas*. São Paulo, ano I, n. 2, p. 9 -10, fev. 1950.
- Aragão, I. R.; Farias, P. L. (2017). Identificando tipos móveis: metodologia para o estabelecimento das origens da coleção tipográfica da Funtimod. *Estudos em design (online)*, v. 25, p. 122-144.
- Aragão, I. R. (2016). *Tipos móveis de metal da Funtimod: contribuições para história tipográfica brasileira*. Tese de doutorado não publicada. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo, Brasil.
- Aragão, I. R.; Farias, P. L.; Lima, E. L. C. (2014). Um estudo sobre catálogos de tipos de fundidoras brasileiras dos séculos 19 e 20. In: CIDI 2013, Recife. *Proceedings of the 6th Information Design International Conference, 5th InfoDesign, 6th CONGIC [= Blucher Design Proceedings, v.1, n.2]*. São Paulo: Blucher, p. 1-9.
- Cavalheiro. (1928). [nota]. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, p. 15, 25 abr. 1928. Disponível em: <<http://memoria.bn.br>>. Acesso em: 10 Jul. 2019.
- Diversos. (1909). [nota]. *A imprensa*, Rio de Janeiro, p. 2, 14 nov. 1909. Disponível em: <<http://memoria.bn.br>>. Acesso em: 10 Jul. 2019.
- Fundição de typos Henrique Rosa. ([190-?]). Rio de Janeiro, RJ: [s.n.]. 267p. Disponível em: [http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_iconografia/icon732190/icon732190.pdf](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon732190/icon732190.pdf). Acesso em: 20 jan. 2017.
- Gray, Nicolette. (1951). *XIXth century ornamented types and title pages*. Londres: Faber and Faber.
- H. Rosa & filhos. (1911). [propaganda]. *O Pharol*, Juiz de Fora, p. 3, 30 jul. 1911. Disponível em: <<http://memoria.bn.br>>. Acesso em: 10 Jul. 2019.
- H. Rosa & filhos. (1924). [propaganda]. *O Estado*, Santa Catarina, p. 5, 20 set. 1924. Disponível em: <<http://memoria.bn.br>>. Acesso em: 10 Jul. 2019.
- Klingspor, Karl H. ([198?]). [Discurso proferido no Clube Rotary]. Tradução de Karin Seubert. [198?]. Acervo pessoal de Irmgard Bernbeck.
- Lima, E. L. C. (2006). *Fundidoras de Tipo do Século XIX Anunciantes no Almanack Laemmert*. Relatório de pesquisa. Disponível em: [http://www.bn.br/portal/arquivos/pdf/Edna\\_Lima.pdf](http://www.bn.br/portal/arquivos/pdf/Edna_Lima.pdf). Acesso em: 02.01.2013.
- Correio das salas. (1898). [nota]. *Gazeta da tarde*, Rio de Janeiro, p. 2, 31 dez. 1898. Disponível em: <<http://memoria.bn.br>>. Acesso em: 10 Jul. 2019.
- Machinas para fabrico de typos. (1931a). [anúncio]. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, p. 26, 11 out. 1931. Disponível em: <<http://memoria.bn.br>>. Acesso em: 10 Jul. 2019.
- Machinas, material, moveis e utencilios. (1931b). [anúncio]. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, p. 26, 11 out. 1931. Disponível em: <<http://memoria.bn.br>>. Acesso em: 10 Jul. 2019.
- Machinas para fabrico de typos. (1932). [anúncio]. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, p. 16, 23 mar. 1932. Disponível em: <<http://memoria.bn.br>>. Acesso em: 10 Jul. 2019.

### **Sobre os autores**

**Isabella Ribeiro Aragão**

<isabella.aragao@gmail.com>

Doutora, UFPE, Brasil.

**Edna Lucia Cunha Lima**

<ednacunhalima@gmail.com>

Doutora, PUC Rio, Brasil.

Artigo recebido em 15/10/2019,  
aprovado em 17/10/2019.